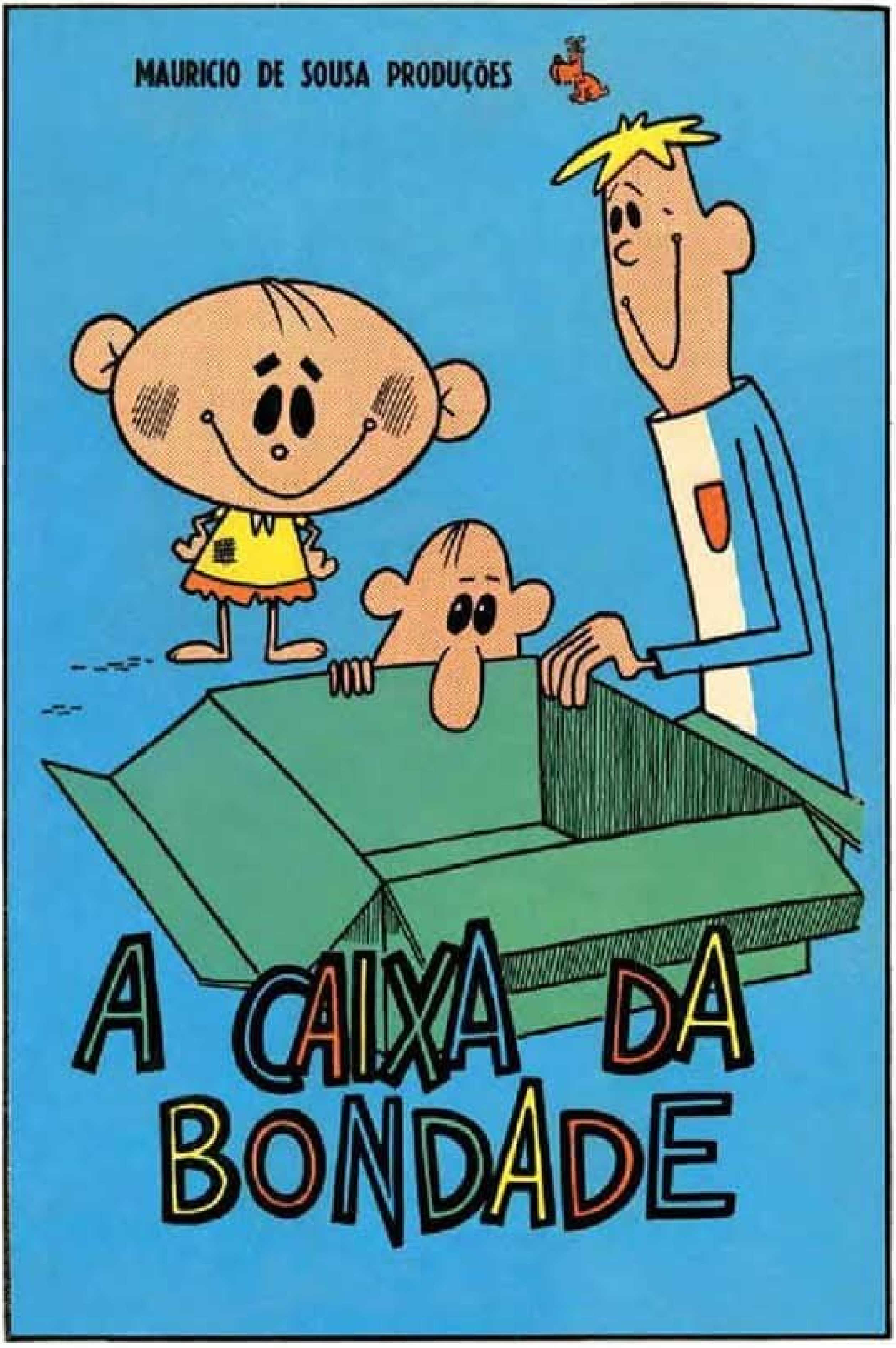
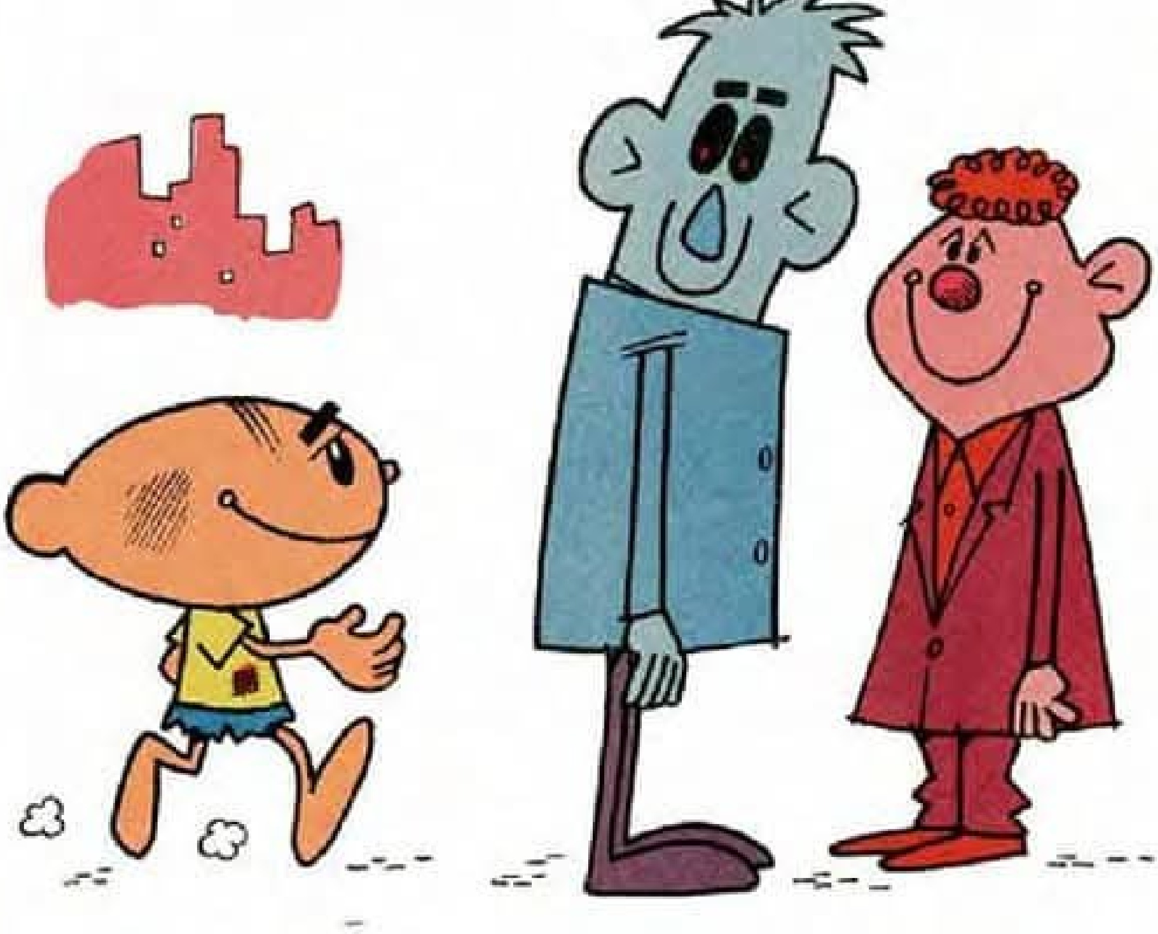
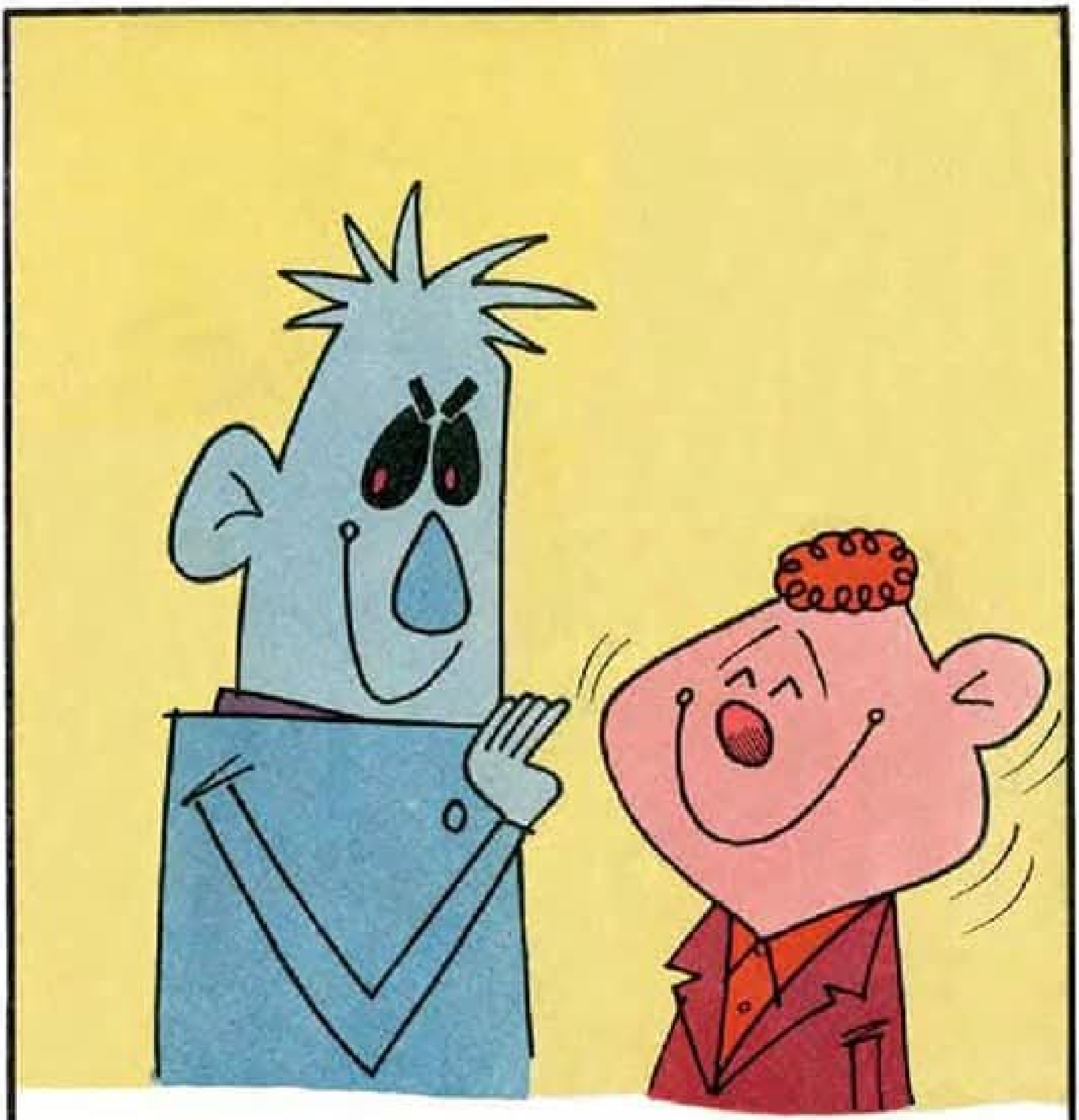

MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES
A CAIXA DA BONDADE



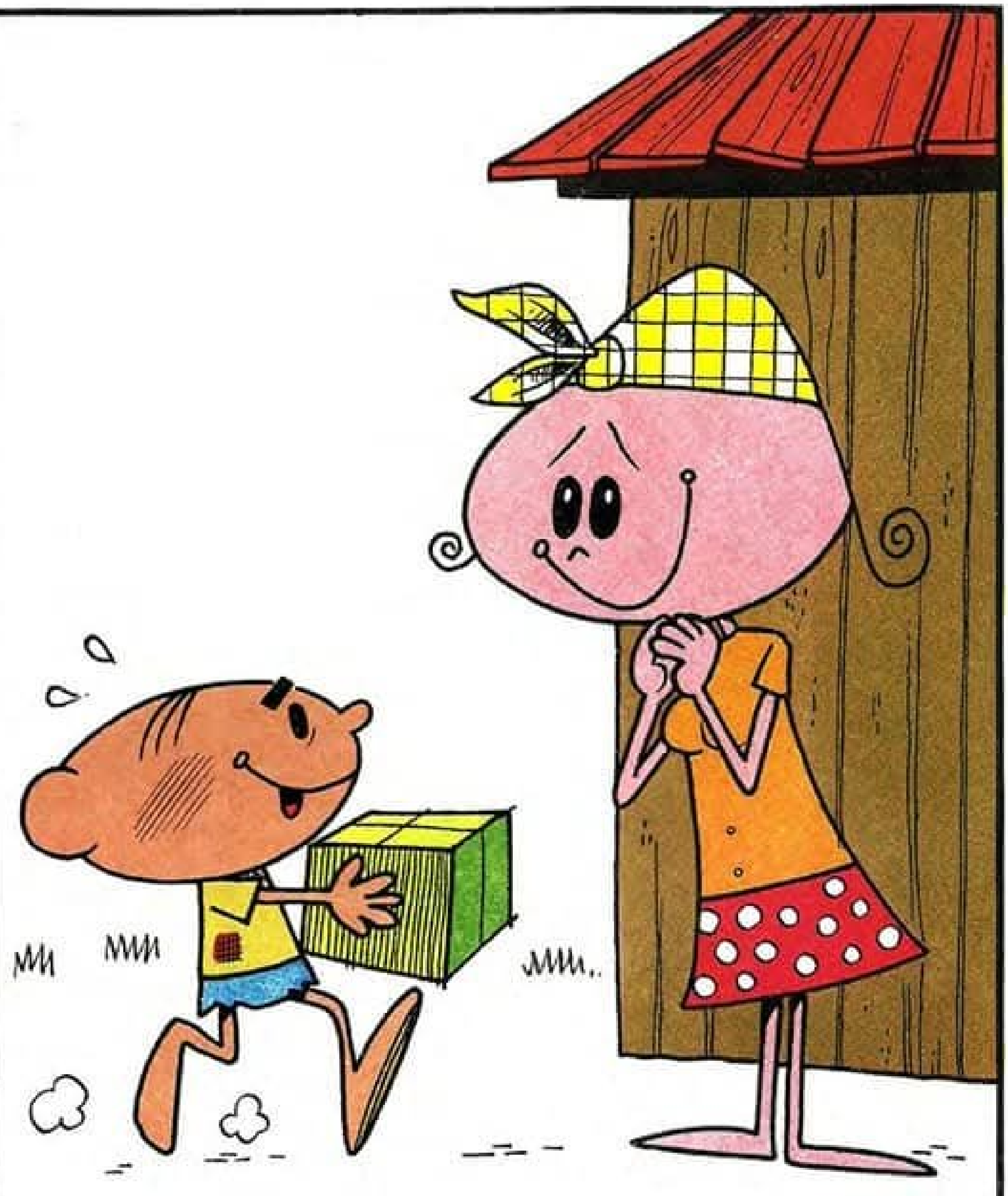
Niquinho não gostava daquilo...
mas precisava pedir
dinheiro na rua.
Era órfão e a mãe
estava desempregada.



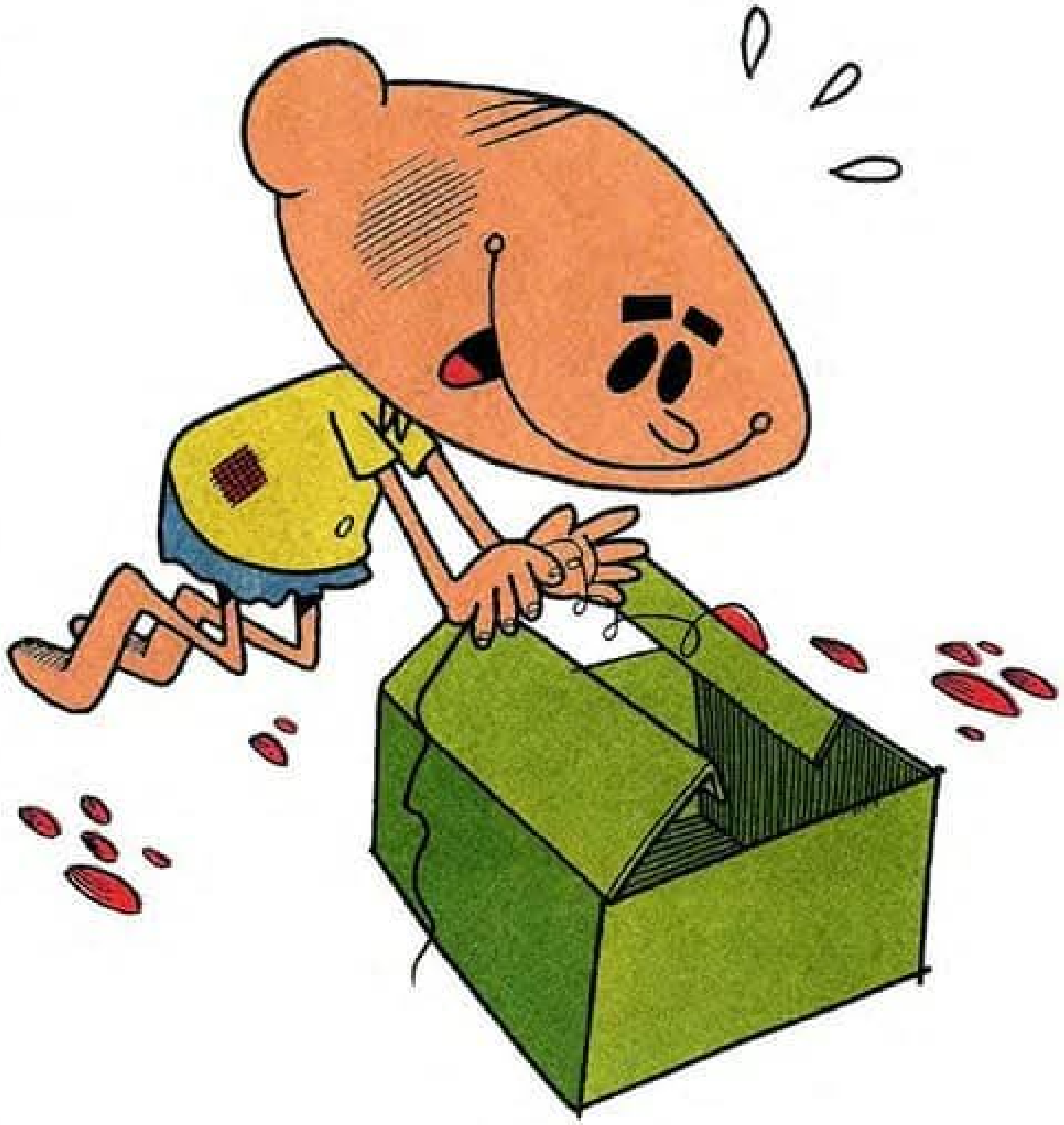
Foi quando encontrou dois homens maus que resolveram fazer uma brincadeira com sua situação humilde.

– Nesta caixa damos a você
uma coisa formidável:
um punhado de bondade!
Niquinho arregalou os olhos.
Nunca vira uma
«caixa de bondade».

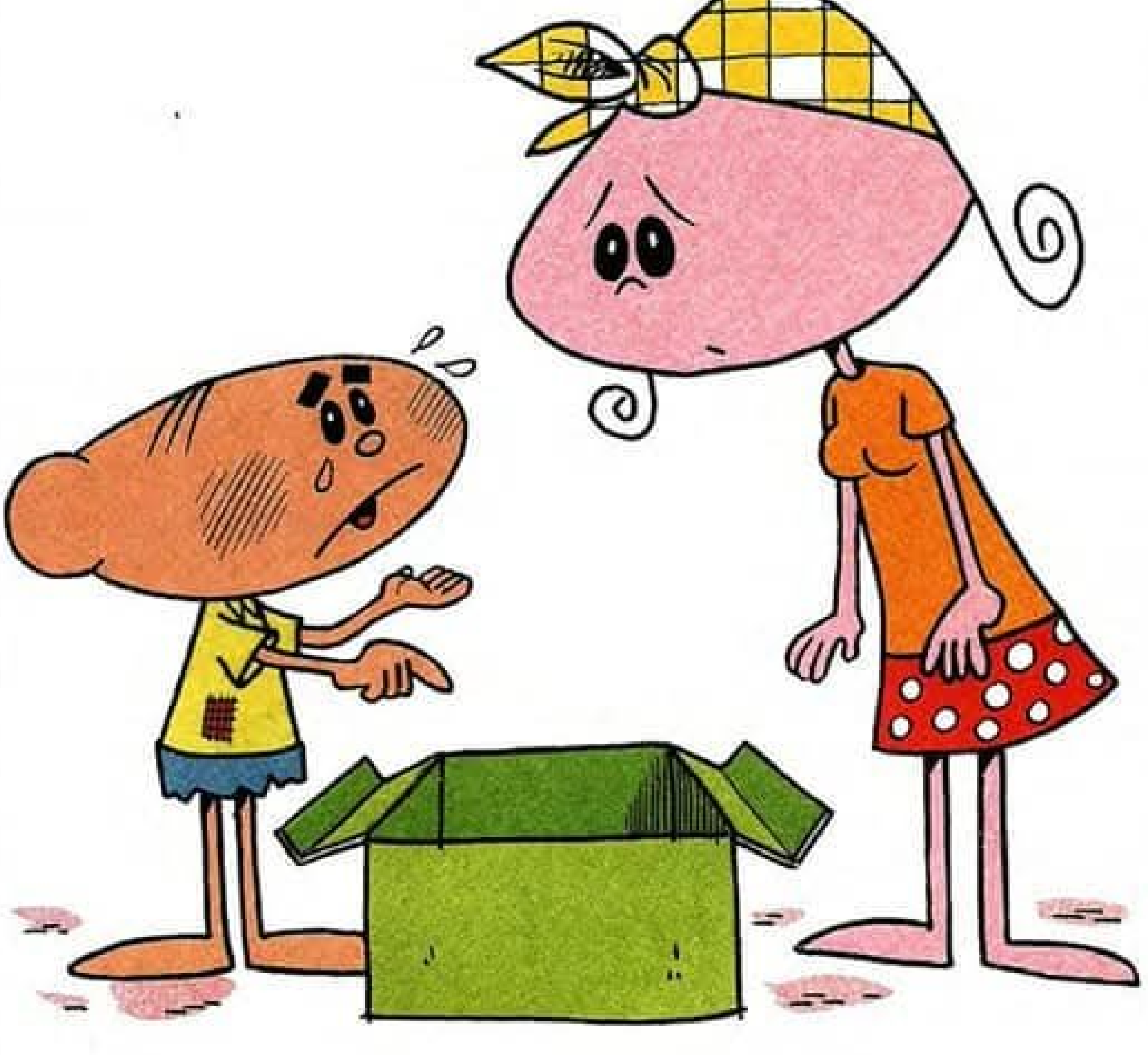
Agradeceu e saiu contente
da vida a fim de mostrar
a «caixa de bondade»
para a mãe. Os dois homens
maus ficaram dando gargalhadas:
haviam dado ao menino
somente uma caixa vazia
que tinham encontrado na rua.



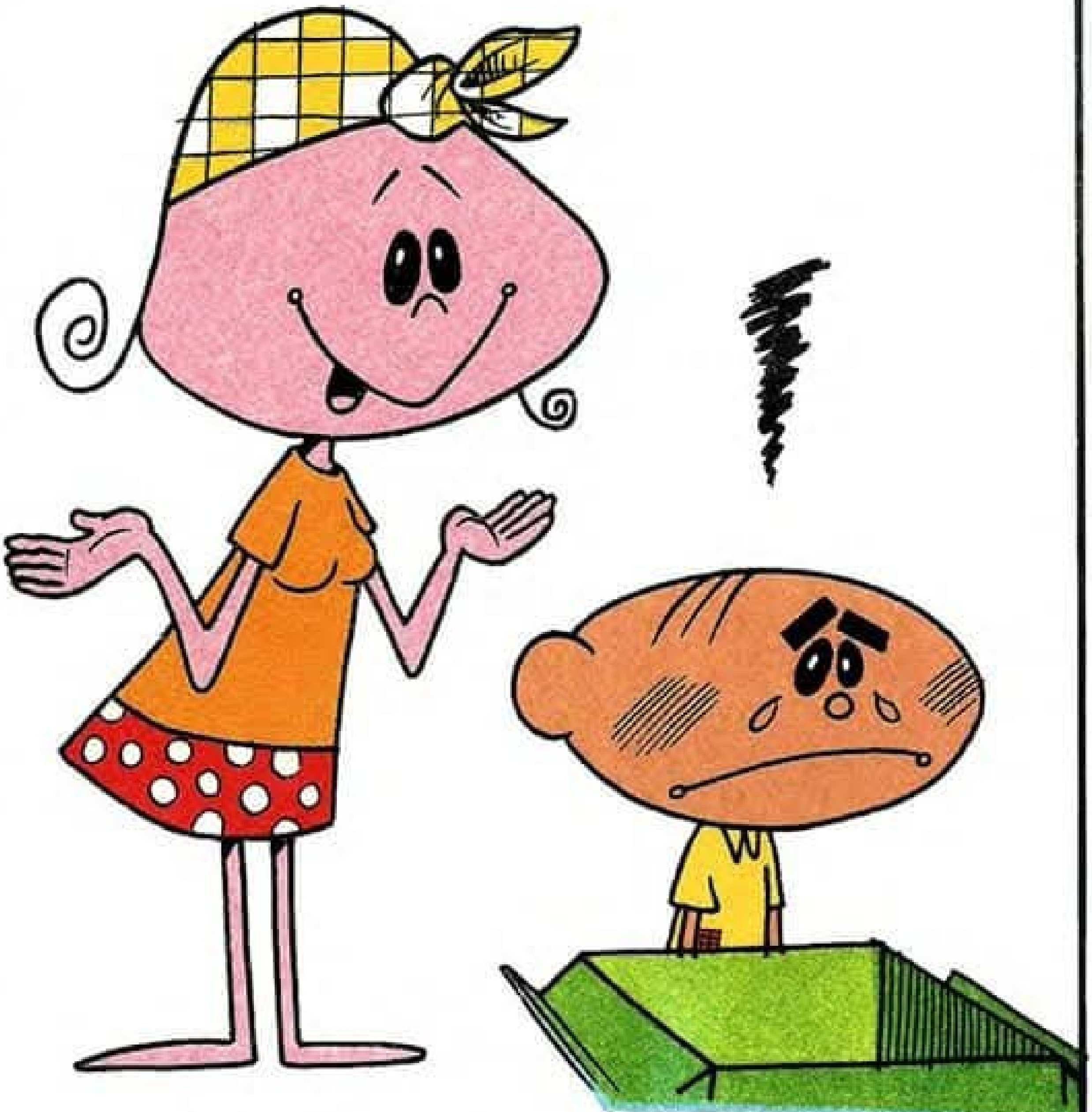
Mas Niquinho não desconfiou de nada. Chegou à casinha pobre onde morava e mostrou a linda caixa para a mãe.



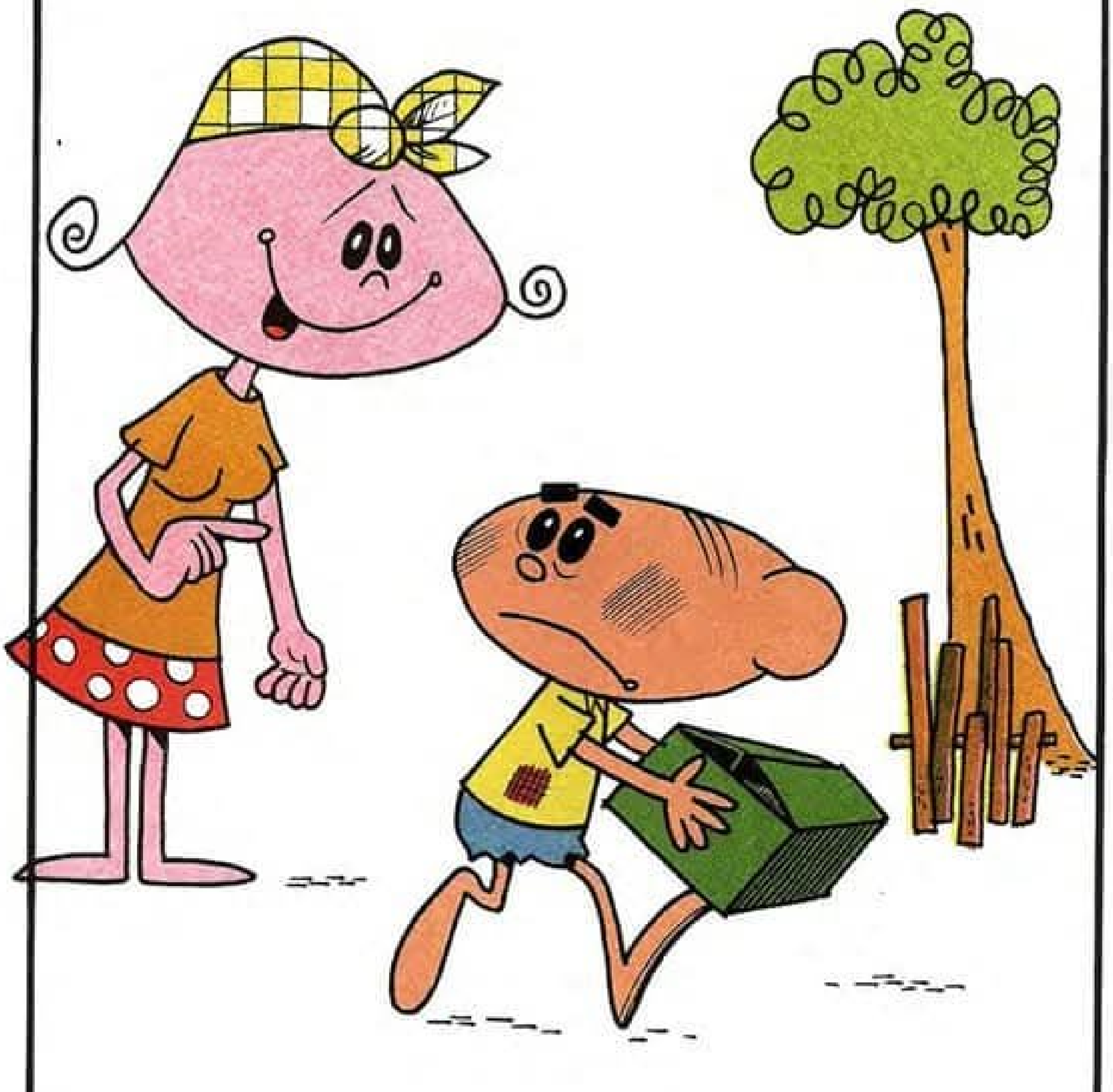
Desamarrar os barbantinhos
para ver o presente
foi coisa de segundos.
Em pouco tempo, a caixa
estava aberta...



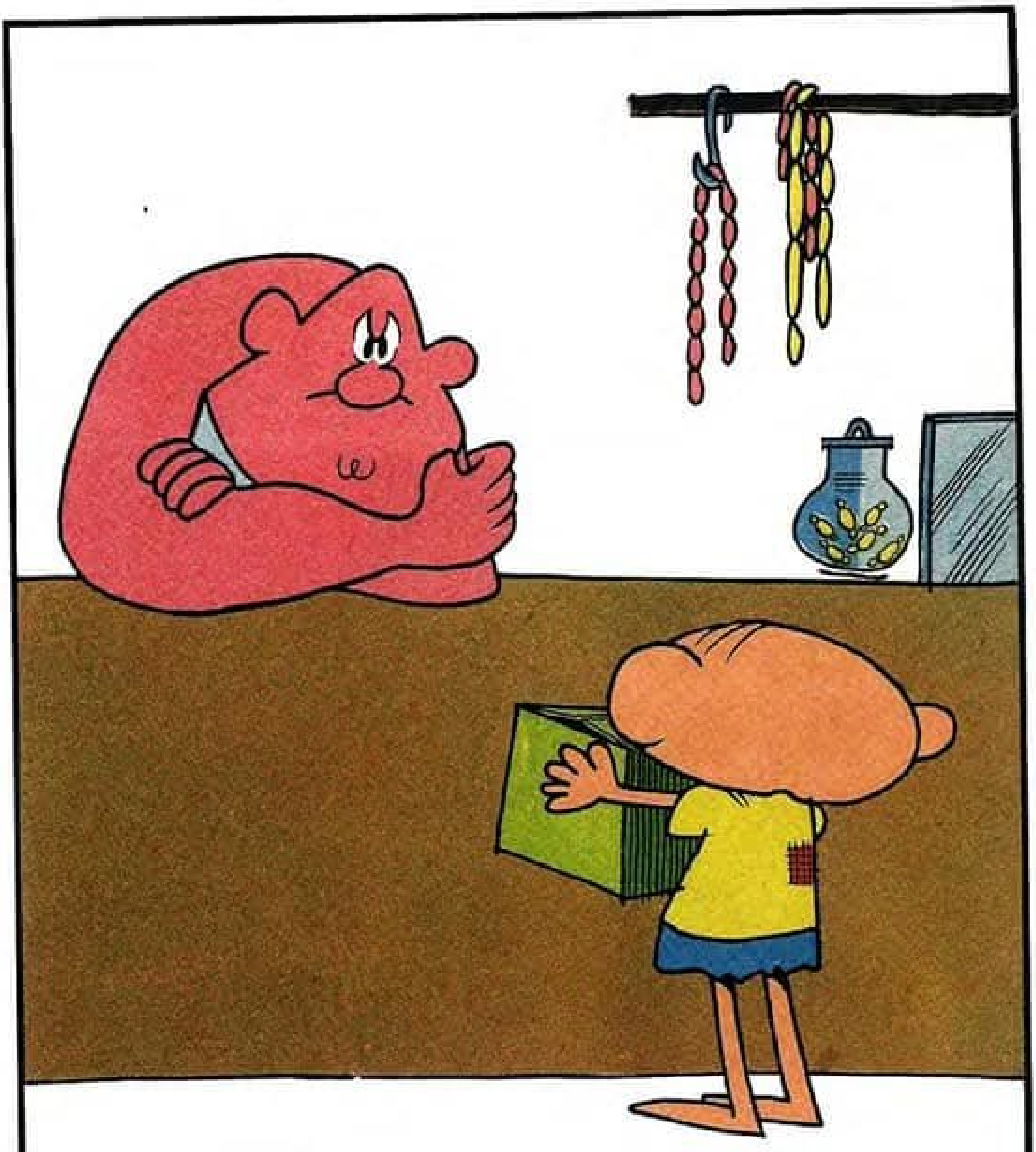
... E Niquinho não viu
nada dentro dela.
Mas os homens haviam dito!
Haviam falado que a caixa
estava cheia de bondade!



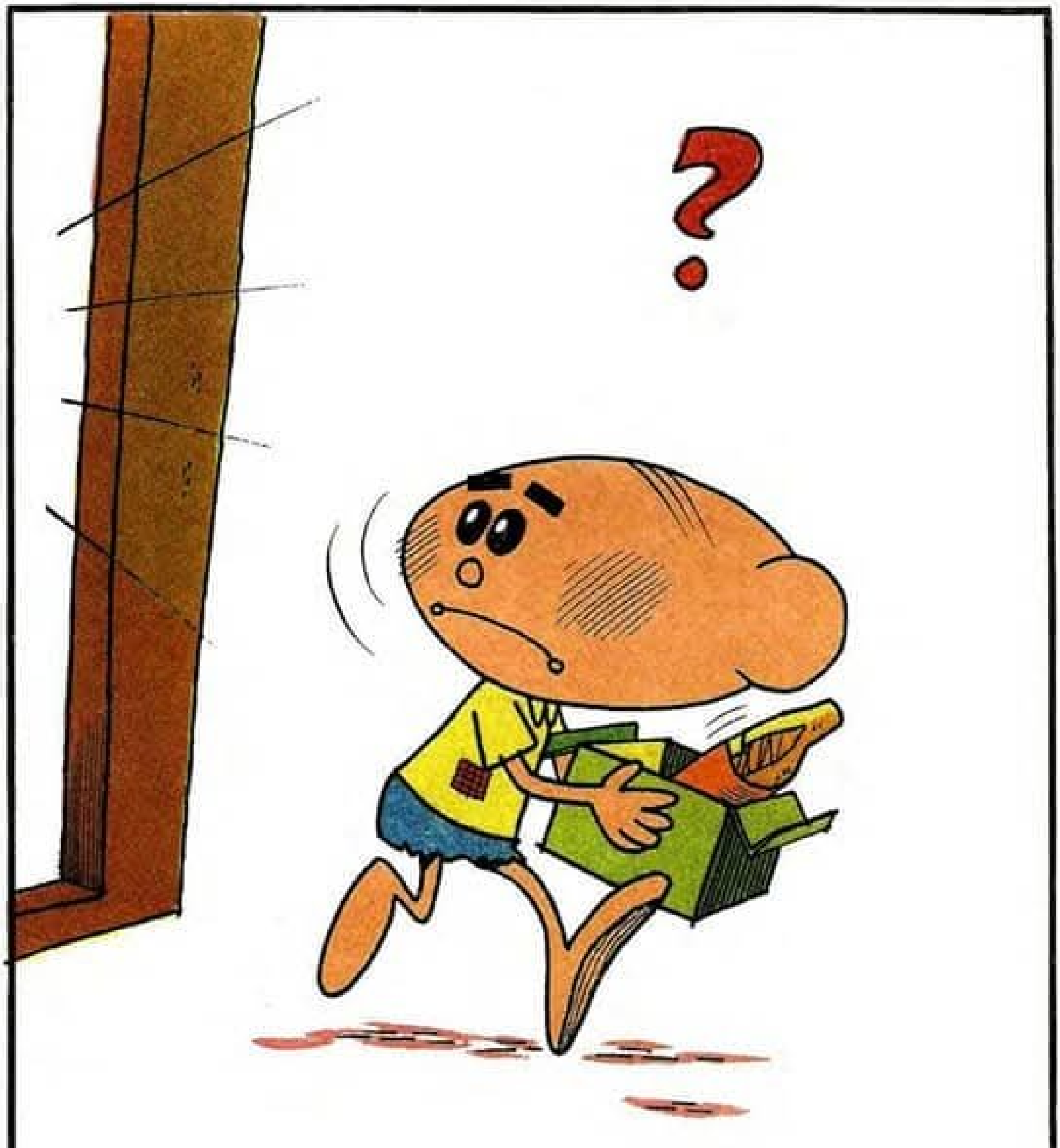
A mãe do Niquinho, quando viu
o filhinho triste, explicou, mais que depressa,
que a bondade é uma coisa invisível.
Não pode ser tocada nem vista.
Por isso é que a caixa estava aparentemente vazia.



– Mas, apesar disso, a bondade
é uma coisa maravilhosa, meu filho.
Com ela, você consegue qualquer coisa!
Niquinho ficou satisfeito com aquilo
e saiu com a caixa nas mãos.

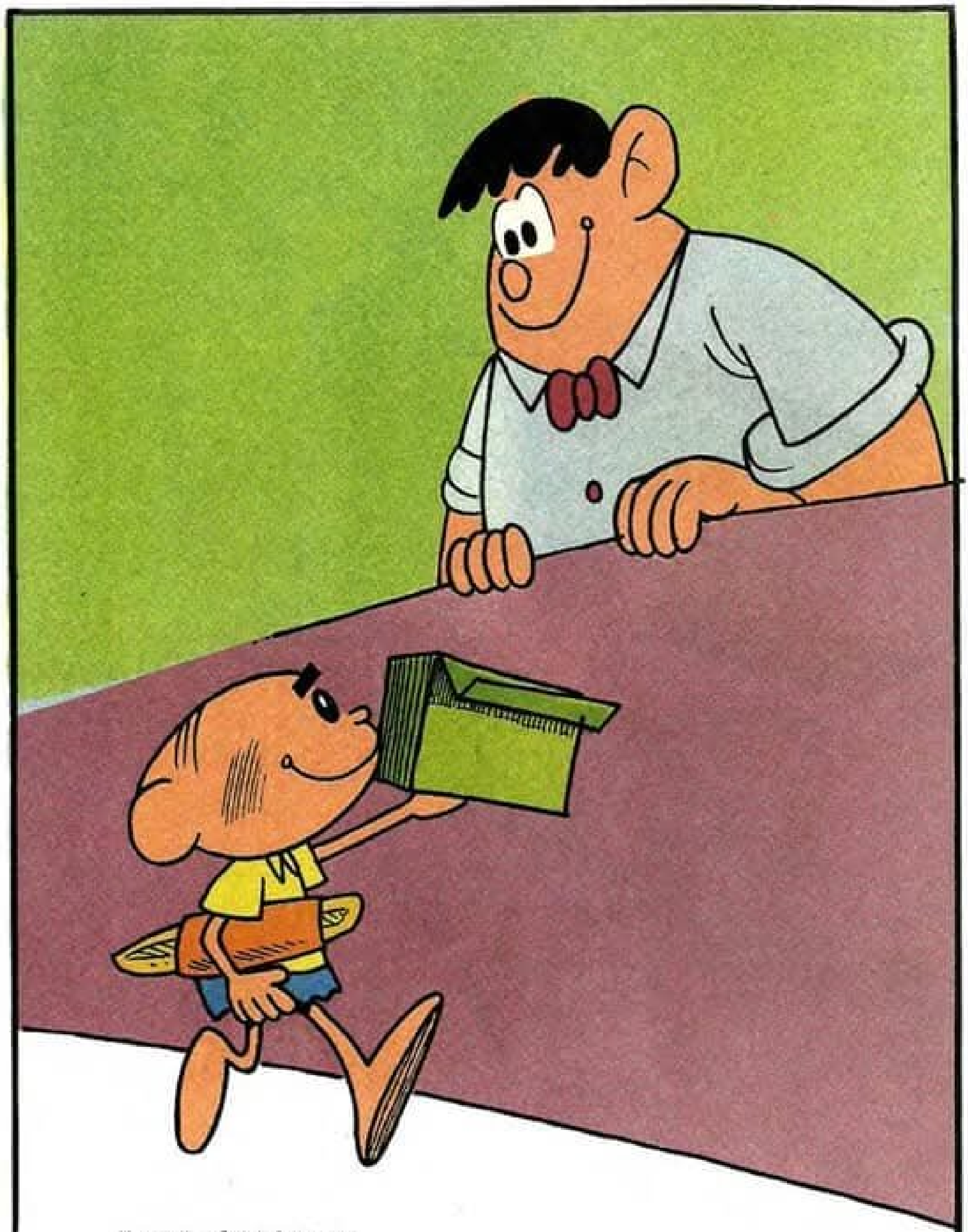


Foi direto para a mercearia.
Sua mãe não havia dito que a bondade
consegue qualquer coisa?
Pediu um pão ao vendeiro.
Havia muito tempo que não comiam
pão fresco na sua casinha.



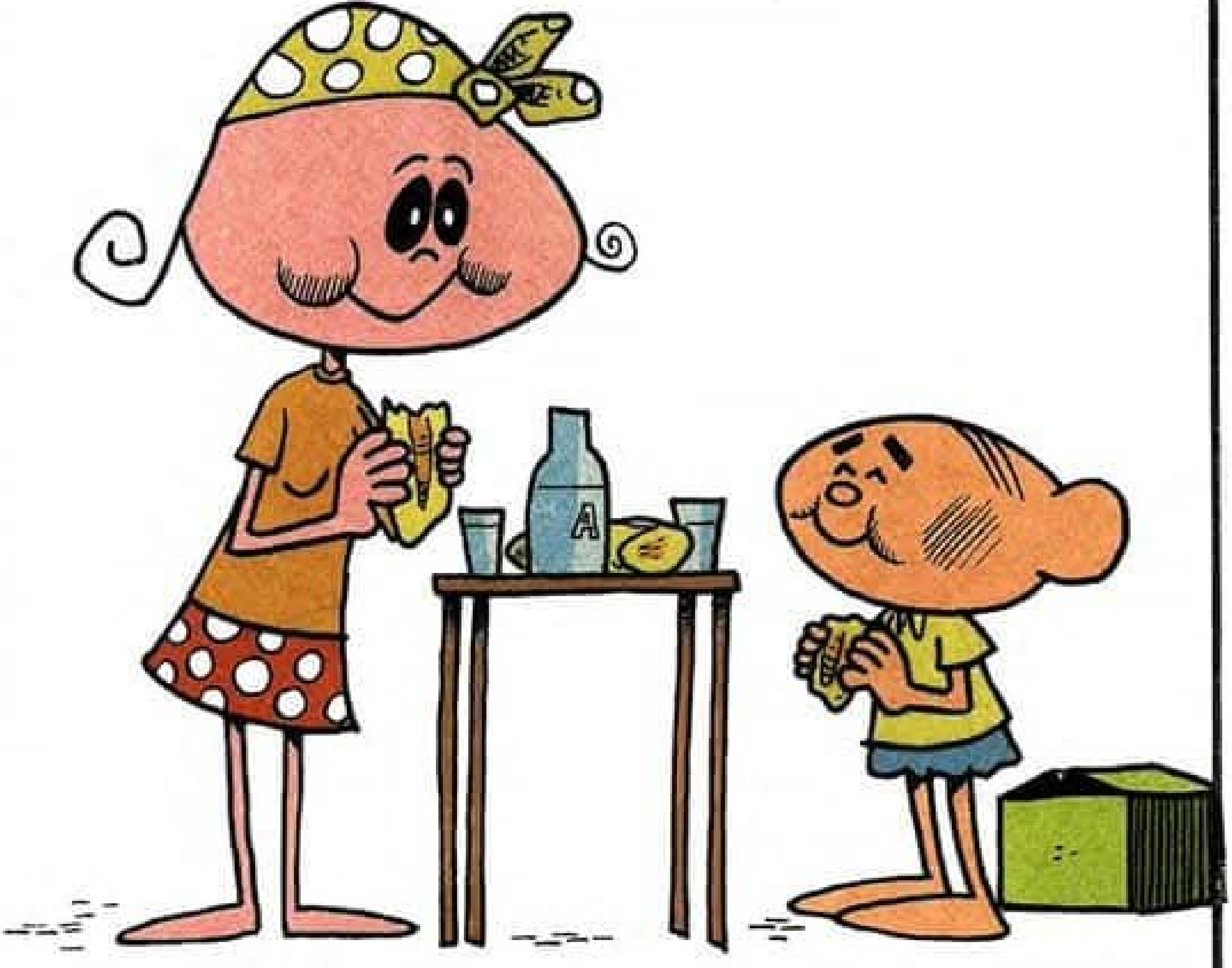
Em seguida, Niquinho saiu do armazém,
todo contente. Sua mãe tinha razão.
A «bondade» da caixa pagara um pão.
Nisso, gritaram por ele.

Era o vendeiro com o troco.
Niquinho olhava assustado
para a nota que o homem
colocara em suas mãos.
Não sabia que davam troco
de «bondade».

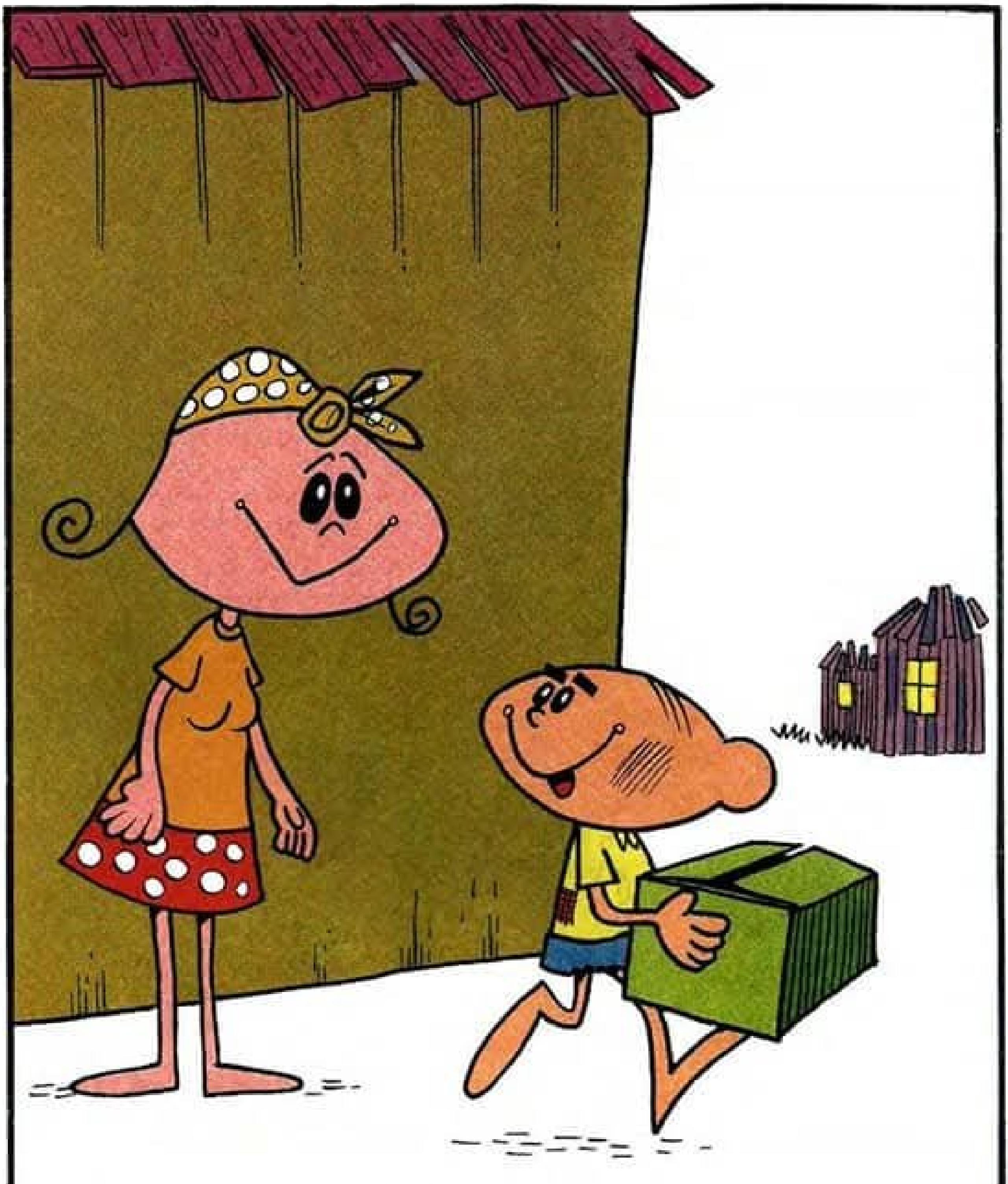


Depois, foi à leiteria.
Pediu um litro de leite e suspendeu
a caixa para que o leiteiro
pegasse o pagamento.

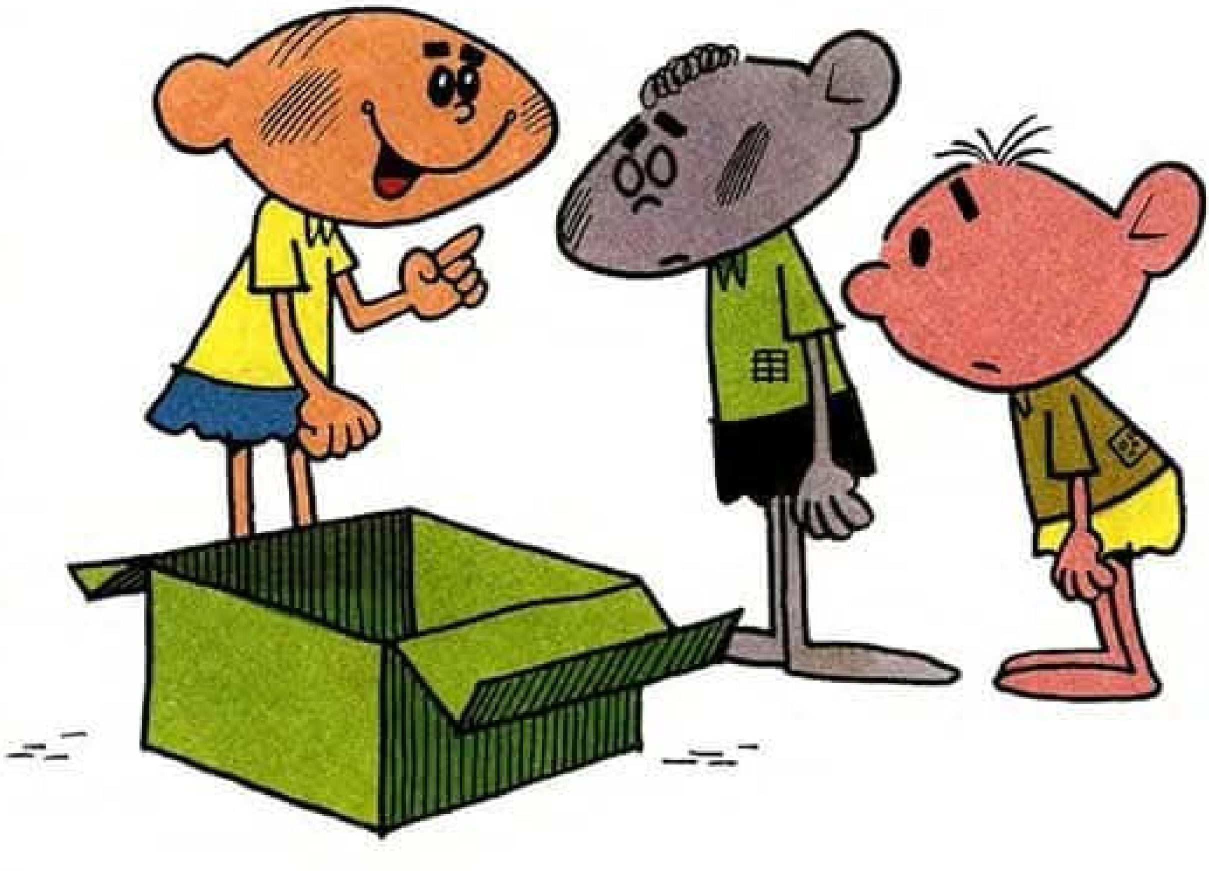
Feito isso, voltou alegremente
para sua casinha com
o leite e o pão.



Sua mãezinha mal acreditava naquilo.
– Foi a «bondade» da caixa –
explicava o Niquinho.



Mas logo o menino
já estava imaginando uma maneira
de a «bondade» da sua caixa «pagar»
também algumas coisas boas para
os outros menininhos da rua.



Chamou dois dos mais
pobrezinhos e os convidou
para irem à cidade.

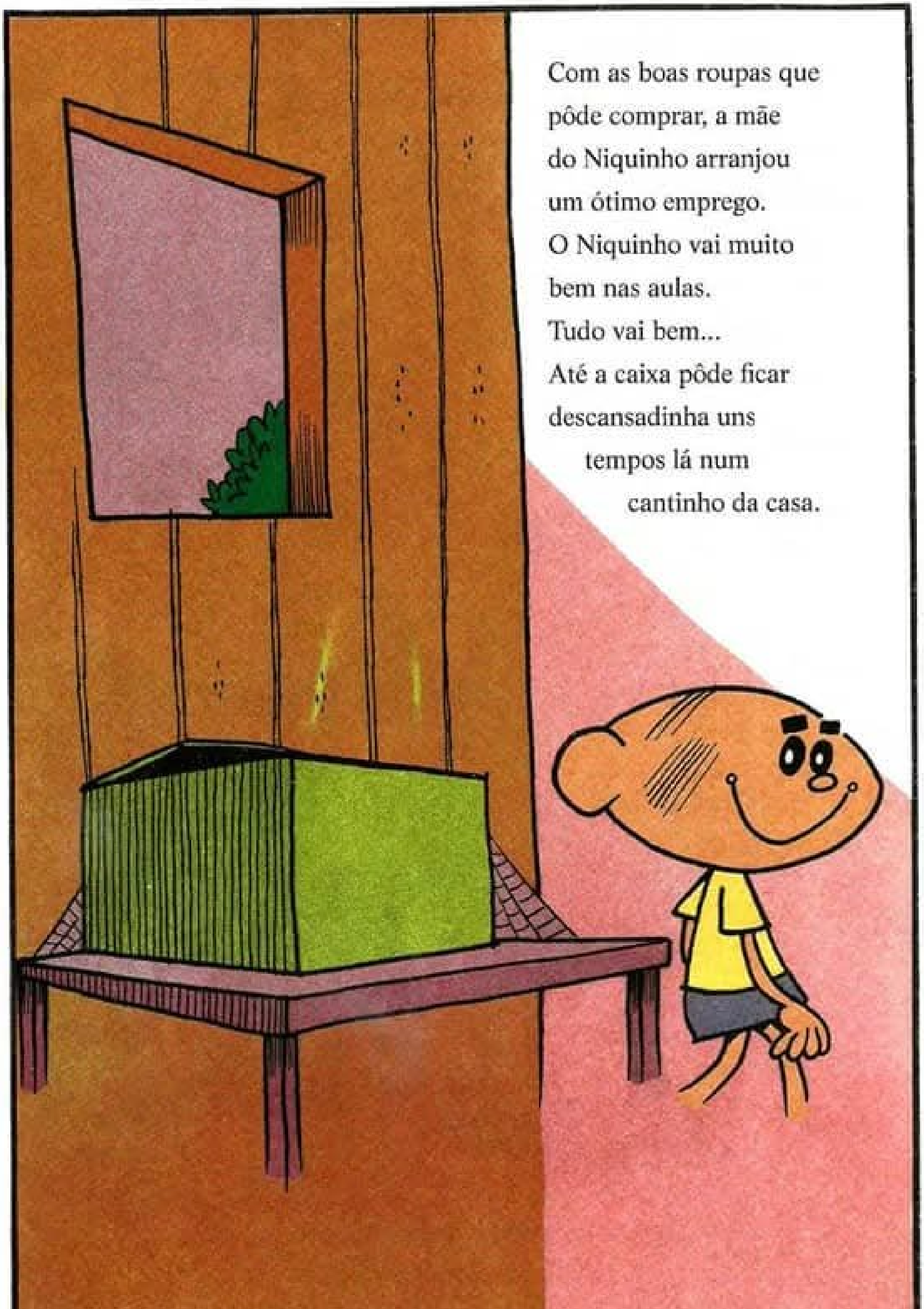
Quando Niquinho falou
o que iam fazer na cidade,
os menininhos nem acreditaram.
Imagine só! Iam comer
doces e balas.

E dito e feito. Dali a algumas
horas, os meninos voltavam
carregados de presentes do Niquinho.
A caixa da bondade continuava
«pagando» tudo.

Niquinho e sua mãezinha
passaram a comprar tudo
o que precisavam
na sua casinha modesta.

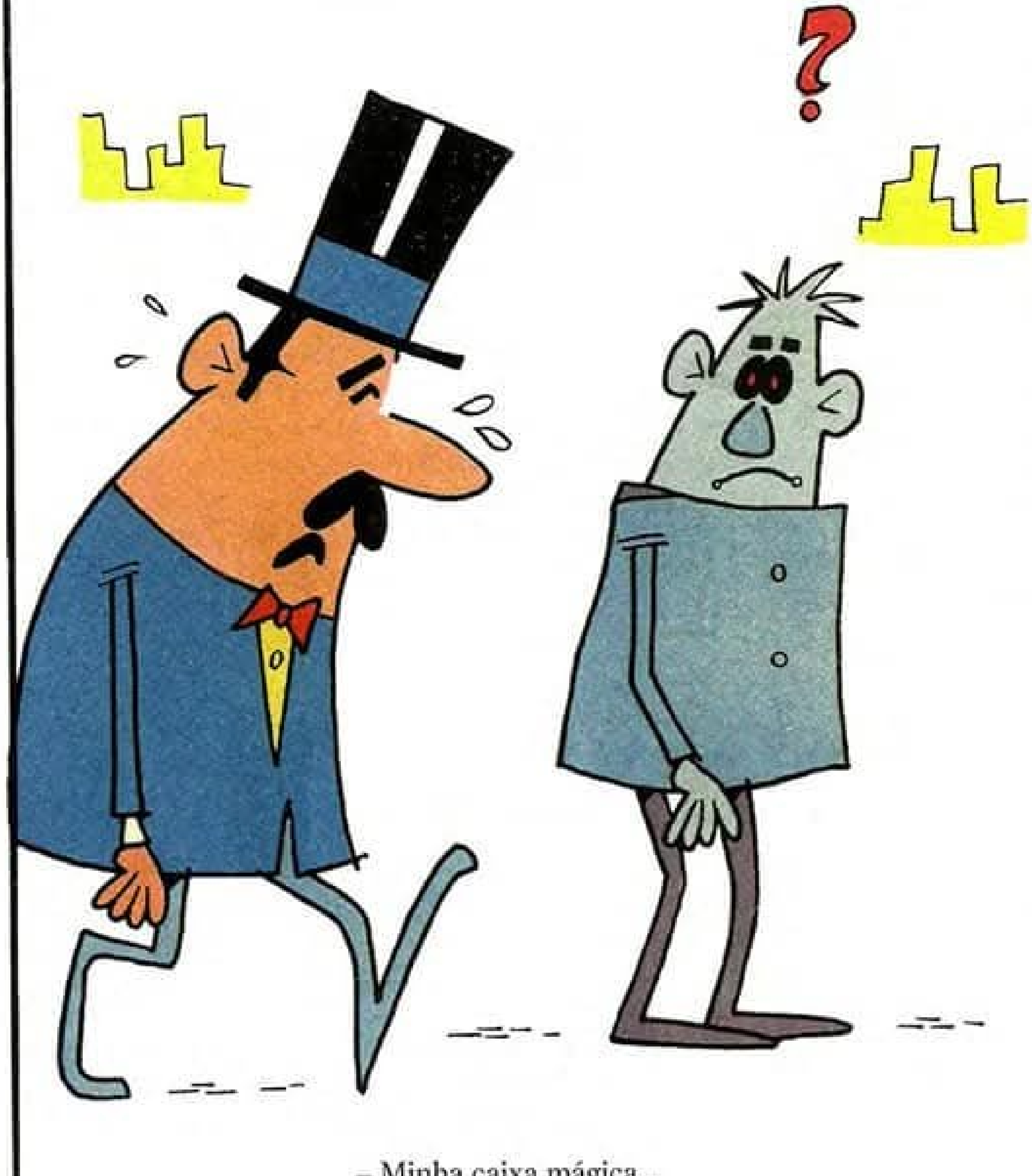
Graças à «caixa da bondade»,
num instante, a casa do Niquinho
se transformou num exemplo
de conforto e higiene.

Até na escola o Niquinho entrou.
O que foi a melhor coisa que fez até hoje.
Afinal, não precisava mais andar
pelas ruas pedindo coisas.


Com as boas roupas que
pôde comprar, a mãe
do Niquinho arranjou
um ótimo emprego.
O Niquinho vai muito
bem nas aulas.
Tudo vai bem...
Até a caixa pôde ficar
descansadinha uns
tempos lá num
cantinho da casa.

Mas há dois homens maus muito bobos
que vivem rindo até hoje da «peça» que
pregaram num pobre menininho.

Isto é... viviam rindo, até que um mágico desesperado, o grande Martu, passou por ali choramingando.

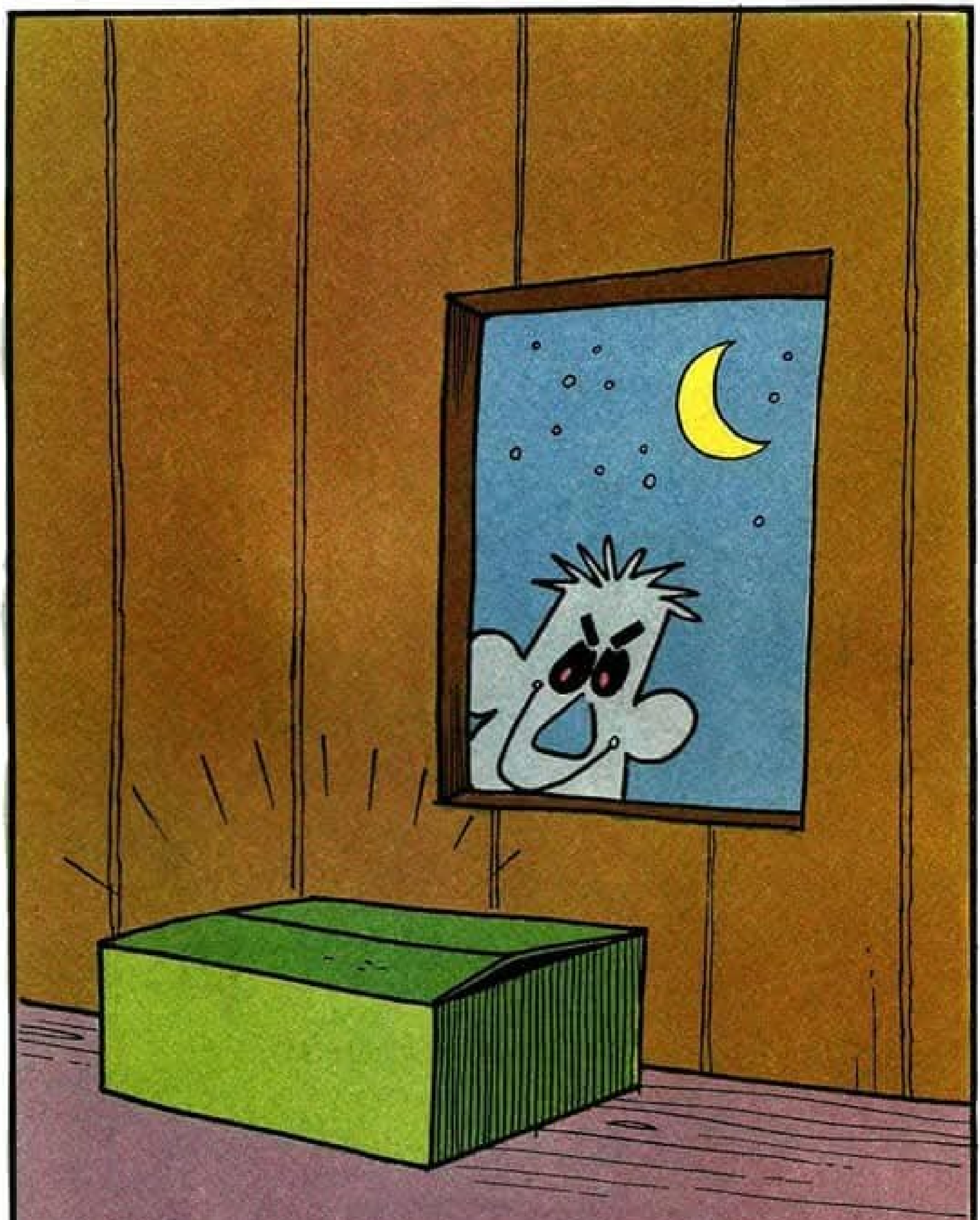


– Minha caixa mágica...
minha caixa mágica!
– dizia o mágico.

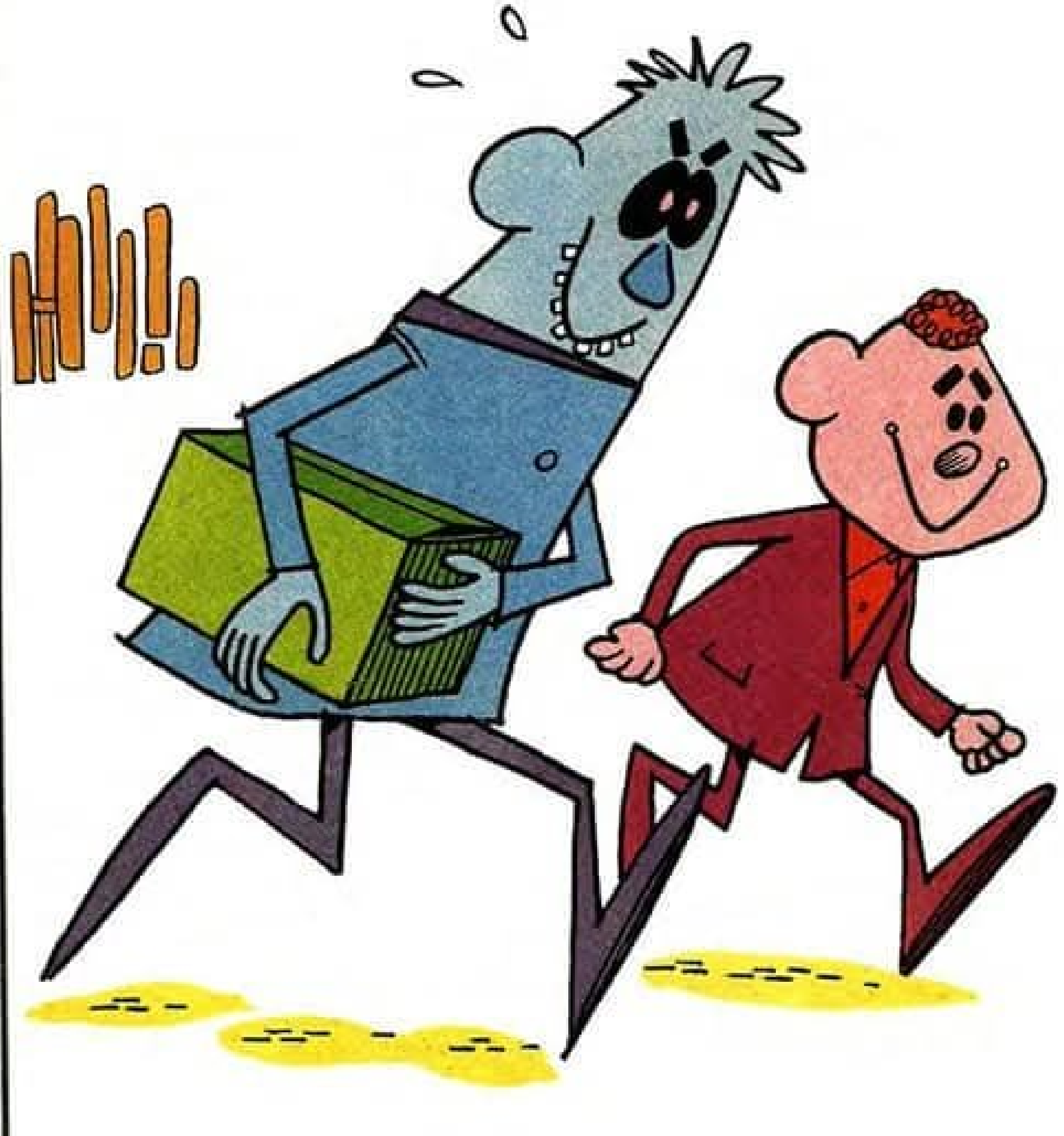
– Era a única no mundo.
Parecia vazia, mas era como um cofre.
O que eu conseguia esconder dos
fiscais de impostos, guardava na caixa.

– E era só abri-la e enfiar as mãos nela para
o dinheiro ir aparecendo.
E eu a perdi nesta rua, tenho certeza.

Os dois homens maus
nem esperaram por mais
lamúrias do mágico.
Saíram correndo em direção
à rua por onde o menino se fora
após ganhar a caixa.



Depois de espiarem
por diversas janelas, finalmente
encontraram a «caixa da bondade».



Rápidos como raios, os dois homens
maus saíram correndo carregando a caixa.
Ah! Não é que quase deixaram a fortuna
escapar das mãos?

Mas a maldade sempre é castigada.
Por mais que remexessem e destruíssem a caixa, não encontraram nem uma nota de cruzeiro. Niquinho havia usufruído de toda a bondade da caixa. Ele era bom. Para os maus, não sobrou nada, como sempre.